

UMA CURVA NA NOITE

*Walter Paulo Sabella**

Corpo encolhido, braços ao redor das pernas dobradas, tronco inclinado sobre elas, cabeça levemente curvada, cabelos em desalinho, escorridos sobre os ombros. Assim surgiu, de chofre, sentado sobre o estreito espaço de asfalto, o vulto imóvel e impotente. De um lado, o guard-rail divisório de pistas; de outro, a faixa amarela, demarcatória do leito de circulação. Homem ou mulher? Impossível saber. Fazia-se visível pelo átimo de tempo em que o veículo, como um bólido, passava a poucos centímetros, dir-se-ia resvalando na silhueta fixa e disforme, à esquerda do condutor. A posição da cabeça, entrevista de relance, sugeria que os olhos, perdidos na solidão da estrada, hipnotizados pelo negrume da noite, apertavam-se sob o espoucar repentino dos faróis que, após fugaz aparição na curva, deixavam, atrás de si, as trevas intocadas.

No espanto do encontro, a sucessão vertiginosa das interrogações, brotando do cérebro aturdido: Desistência? Abandono? Privação dos Sentidos? Fuga da casa de custódia? Incerteza entre levantar-se, caminhar para a vida ou arrastar-se sobre a faixa divisória e oferecer-se ao chão da rodovia? O pensamento da frenagem não chegou a

tomar forma, abortado pelos faróis que refletiram no espelho retrovisor; e a velocidade, subitamente diminuída pela instintiva desaceleração, sofreu automática retomada.

À direita, o acostamento oferecia-se livre. Parar, empreender marcha-a-ré e observar mais atentamente? Estacionar, descer e regressar correndo, sinalizar a estrada, advertir os condutores? Gritar, advertindo o vulto combalido? “Saia daí! Você vai morrer”. E se, à aproximação do socorro, de súbito, ágil como uma lebre, arma em punho, dentes cerrados, pedisse as chaves do veículo? “É um assalto, imbecil!”.

Aos borbotões, as idéias nasciam e naufragavam na indecisão, enquanto o veículo rodava, veloz, sobre a calha rasa de piche e pedra, que ia sumindo sob as rodas, como que engolida, espantosamente, metro a metro, enquanto o vulto fantasmagórico, cada vez mais distante, continuava paralisado no exíguo corredor da morte. De um lado, o guard-rail; de outro, os cavalos mecânicos, com suas toneladas de cargas, quase a resvalar, no fantasma, suas vestimentas de encerados.

Não muito longe, à frente, o posto policial, que mais próximo ficava à medida que as luzes dianteiras do auto iam rompendo o breu da solidão noturna, e as rodas deslizavam sobre a superfície regular e negra da pista, margeada por pontos luminosos que se incrustavam, esparsos, nos morros circunjacentes. Defronte a casinhola e junto

às viaturas, com certeza, um ou dois homens, botas de canos altos, lanternas piscando em ordem de parada. Avisá-los, ou ceder ao silêncio? Não seria solidário, nem cristão, seguir de largo. O levita o fizera, séculos antes; o sacerdote também. Mas o samaritano, não. Este, que trilhava só, entre Jerusalém e Jericó, deteve-se ao achado de outro vulto prostrado e indefeso, despojado pelos salteadores da estrada; tomou de vinho e azeite, pensou-lhe as feridas, guindou-o sobre a montaria e o confiou ao estalajadeiro, dando-lhe duas moedas. “Cuida deste homem. O que sobejar do que ora te pago, dar-te-ei ao meu regresso”. A casa-de-guarda ficava mais perto. Já era possível divisar os dois homens com seus faroletes. “O que fazer?”. O levita, o sacerdote e o samaritano se alternavam na névoa da imagem bíblica. “Seria preciso regressar em companhia dos guardas? Ainda estaria lá o fantasma da estrada, a dolorosa imagem da impotência diante da vida, do vencido atropelado pelas rodas do destino?”.

Plantado nos altos canos das botas bem engraxadas, impassível e atento, lanterna com o foco direcionado ao chão, o policial rodoviário acompanhava, olhar arguto e penetrante, o relato afobado: “Ele, ou ela, não se sabe, acabará esmagado junto ao guard-rail, ou atropelado, se avançar sobre a rodovia”. Os cavalos mecânicos continuavam seu pesado e ruidoso voo, rente ao sítio do diálogo. O tom de voz subia para ser audível.

“Não, não o atropeliei. Ele, ou ela, achava-se imóvel, sentado sobre o asfalto, curvado assim, encolhido, mas, com certeza, estava vivo, colado ao guard-rail central”.

O olhar do guarda oscilava entre o cansaço e a desconfiança. E quem sabe, na iminência de vencer seu turno, amaldiçoasse aquele viajante samaritano, cujo ímpeto de fraternidade poderia esticar por boas horas o seu plantão. Afinal, descontraindo-se, lançando rápidos olhares para os sentidos opostos da estrada, anotou dados de identificação pessoal e proferiu a esperada frase de libertação: “Pode seguir. Iremos ver”.

Sempre que, às horas mortas da noite, nas viagens por aquela estrada, o veículo mergulha na tomada da curva, os olhos se fixam naquele estreito corredor, como que buscando flagrar ali o fantasma cujo nome jamais será conhecido.

***O autor é procurador de Justiça, com licenciatura plena em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Atuou no radiojornalismo e na imprensa escrita. É membro da Academia Brasileira de Direito Criminal.**